

A diversidade da

arte



Índice

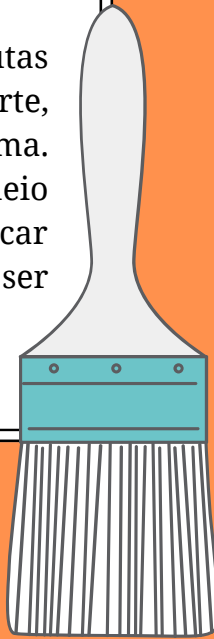
- Introdução 2
- Literatura 3
- Música 10
- Cinema 18
- Arte na Pandemia 22
- Arte como Remédio 28
- Conclusão 31



Introdução

O e-zine irá abordar as diversidades da arte através dos quatro pilares: Linguagem, Ciência, Sociedade e Tecnologia. Com o objetivo de demonstrar como a arte faz parte do nosso dia a dia, seus benefícios, e como sua evolução forçada devido a pandemia se tornou uma realidade na vida do ser humano. Dentro do nosso recorte, discutiremos sobre estereótipos e preconceitos, evolução da arte e como ela impacta no meio científico em reflexo da sociedade contemporânea.

Dessa forma, serão apresentadas cinco pautas que integrem os pilares com três tipos de arte, sendo elas: a Literatura, a Música e o Cinema. Além disso, falaremos sobre a arte no meio pandêmico e, no desfecho, vamos buscar entender como a arte pode ajudar o ser humano.



Literatura



A literatura sem sombra de dúvidas foi e ainda é uma das formas de arte mais influentes ao longo de toda a evolução humana. Nossa história foi registrada em obras que guardam culturas, costumes, estilos de vida, histórias passadas de geração em geração e diversas fontes imensuráveis de conteúdos que muitas vezes nem iremos saber de sua existência.

A essência da literatura é esse poder de guardar em suas páginas universos tão grandes quanto a imaginação humana, em um simples pedaço de papel pode estar reservado a obra de vida de um artista, seus maiores sonhos, medos e angústias, seus sentimentos, conquistas, derrotas e superações, últimas palavras, a verdade.

Tanto poder registrado em diversos livros, papéis, guardanapos, retalhos espalhados por aí, guardando em si sentimentos dos mais puros e a maior sinceridade cabível em um ser humano. Textos que possuem almas e próprios sentimentos, textos cantados, textos citados, pichados, textos guardados a sete chaves, textos por toda a parte.



Em tempos em que sentimentos borbulhantes necessitam sair por meio de palavras, quando saem esbarram em barreiras de preconceitos, dificuldades, regras e julgamentos. Artistas com a coragem de revelar suas partes mais frágeis e vulneráveis, recebem tamanha reprovação passível de apagar o fogo e a essência de se expor seus sentimentos por meio das palavras. Obras tão lindas, de essência de almas sofridas e corações esperançosos esperando para tomarem vida a cada nova pessoa que as lê, nenhuma vez igual a outra, pois quem lê, lê de maneira singular. Tomando cada vez um rumo diferente...

“Os livros são mais do que livros, eles são a vida, o coração e o núcleo dos séculos passados, a razão pela qual os homens trabalharam e morreram, a essência e a quintessência de suas vidas.” - Amy Lowell.



Lascívia



À cabeça que pensa, inundada
Ao coração que sangra, esfacelado
Às mãos que afagam e apedrejam
Às bocas que escarram os versos íntimos de
Augusto

Braços que envolvem a sinuosa paixão árcade
Juras líquidas, obscenas, de querer a alma
intrínseca ao corpo
Conjugam o sacramento libertino
Ambições que consomem a união mais legítima

Prévias estimas esquecidas, ilegíveis diante da
fascinação presente
Poema divino cheio de esplendor
Amemos até que se torne real apenas a deslealdade
Serei para ti o que a consciência crer conveniente

Nas palmas das tuas mãos, o destino
Filho bastardo da ingratidão
Desfruta da agonia premeditada
Submerso a tentadora promessa desonesta

Derramada aos teus pés, a verdade que me basta
Simula agora, que ainda reconheço-te
Acaso infeliz completo pelo amor inconfidente
Ferve-me o sangue a possibilidade do amanhã
sedento
Não fiel nem mesmo á eternidade

Giovanna Barsotti

Fragmento-me

Eu sou estranha eu admito
Cada parte de mim tem um tom meio esquisito
Ninguém olha e diz que é algo bonito
Eles não entendem! Eu repito
E repito e repito

Essa sensação de incompreensão
Torna problemas pequenos uma imensidão
E quanto mais eu tento entrar no padrão
Mais eu sinto que minha mão não é minha
mão

A disforia que almeja a utopia
E se eu toda mudasse quem eu seria?
Se não alguém sem alegria
Cuja alma e corpo não estão em sintonia
Uma bela de uma porcária!

Meu reflexo ao poucos está desaparecendo
Sinto que estou me perdendo
Cacos no chão e sangue escorrendo
Só provam que estou enlouquecendo

Olhando o meu reflexo no chão
Vejo que todos os fragmentos tem uma história
e uma lição
Como pode um ser que é um em um milhão
Não compreender toda sua imensidão?

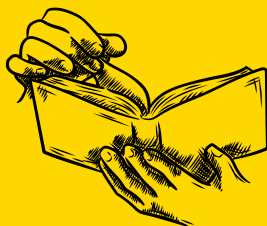
Talvez porque meu corpo seja um poema de
letras disformes
Que com medo se recolhe
Para que um dia, quem sabe, eu me transforme
E finalmente eu me olhe e me ame
Com todos meus defeitos disformes.

Heloísa Bueno

A literatura, suas obras, elas salvam, fazem pessoas encontrarem um escape, um alívio, uma forma de expressão. Tamanho poder contido em pedaços de papéis não possuem a devida valorização que merecem. Tanto possuem, tanto guardam e, mesmo assim, pouco são vistos. Cabe a nós, a atual geração, incentivar a volta do belo consumo da literatura, para que a nova geração tenha esse maravilhoso privilégio.



Depoimentos



Me chamo Giovanna Barsotti, tenho 18 anos e fui ganhadora da Maratona literárias de Araras em 2020. Sou dona de uma página de textos a @literaturado_eu onde publico textos autorais e procuro difundir minha ocupação como escritora. Tenho uma paixão e uma conexão imensurável com a arte e vejo minha liberdade intrínseca à leitura e a escrita.

"A arte sempre se afirmou como uma manifestação selvagem e visceral do ser, o que agrega a si uma característica enigmática e imprecisa de permanência, o que por muitas vezes causa estranheza e incompreensão gerando preconceito para com os artistas.

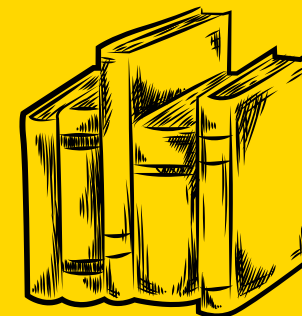
Por muitas vezes nossa ocupação enquanto artistas é menosprezada, o que faz com que nós, juntamente com nossa arte nos tornemos extremamente resilientes. A arte se faz presente no ato de resistir e persistir, tentando ao máximo levar informação e quebrar os estigmas atrelados a nós."

Depoimentos



Meu nome é Heloísa Cristina Bueno, tenho 17 anos e sou 2 vezes ganhadora da Maratona literária de Araras, a 3º colocada no IV concurso nacional de poesia e dona da página de textos @escrito_na_chuva. Desde pequena imersa no mundo das artes e agora carrego o sonho de me tornar uma atriz e escritora respeitada, vocês ainda vão me ver muito por aí.

"A maior dificuldade na valorização da minha arte sempre foi eu mesma, uma vez que não existia o costume de falar e muito menos mostrar sua arte as outras pessoas, eu achava que a minha não seria boa o suficiente para que os outros quisessem parar e apreciar, além de ter medo das pessoas não gostarem e me julgarem pela minha arte, porém assim que eu comecei a ter mais contato e incentivo através de oficinas da escola e da FLAP, eu finalmente senti que eu poderia sim ter minha arte valorizada."



Música

A história da música é muito antiga, desde os primórdios os homens produziam diversas formas de sonoridade. Entretanto, a música é um tipo de arte que trabalha com a harmonia entre os sons, o ritmo, a melodia e a voz.

Todos esses elementos são importantes e podem nos transportar para outro tempo e espaço, resgatar memórias e reacender emoções.

Sendo que, a música existe e sempre existiu como produção cultural, pois de acordo com estudos científicos, desde que o ser humano começou a se organizar em tribos primitivas pela África, a música era parte integrante do cotidiano dessas pessoas. Acredita-se que a música tenha surgido há 50.000 anos, onde as primeiras manifestações tenham sido feitas no continente africano, expandindo-se pelo mundo com o dispersar da raça humana pelo planeta.

A música, ao ser produzida e/ou reproduzida, é influenciada diretamente pela organização sociocultural e econômica local, contando ainda com as características climáticas e o acesso tecnológico que envolvem toda a relação com a linguagem musical, já que ela possui a capacidade estética de traduzir os sentimentos, atitudes e valores culturais de um povo ou nação.

Podemos dizer que a “música” é a arte de combinar os sons e o silêncio. Se pararmos para perceber os sons que estão a nossa volta, concluímos que a música é parte integrante da nossa vida, ela é nossa criação quando cantamos, batucamos ou ligamos um rádio ou TV. Hoje a música se faz presente em todas as mídias, pois ela é uma linguagem de comunicação universal, utilizada como forma de “sensibilizar” o outro.



O funk

A história

O funk é um estilo musical que surgiu através da música negra norte-americana no final da década de 1960. Na verdade, o funk se originou a partir da soul music, tendo uma batida mais pronunciada e algumas influências do R&B, rock e da música psicodélica. De fato, as características desse estilo musical são: ritmo sincopado, a densa linha de baixo, uma seção de metais forte e rítmica, além de uma percussão (batida) marcante e dançante.

A evolução

O funk foi trazido para o Brasil no final dos anos 1970, os primeiros bailes funks eram realizados na Zona Sul do Rio de Janeiro (área nobre da cidade). Apenas com o crescimento da MPB e do uso do “Canecão” – local onde os bailes aconteciam – para shows desse gênero que os “Bailes da Pesada” começaram a adentrar o subúrbio. Esses encontros aconteciam semanalmente, mas em clubes diferentes, como descritos na obra “DJ Marlboro no funk”, de Suzana Macedo. No final dessa mesma década, com a imprensa descobrindo o funk, ele começa a se espalhar por todo o país. Trata-se da popularização de um movimento que, até então, era produzido na periferia e para a periferia.

Movimento Black Rio

No dia 17 de julho de 1976, o Jornal do Brasil publicou uma matéria da jornalista e pesquisadora Lena Frias que gerou um alvoroço enorme. Isso porque o jornal era consumido majoritariamente pela classe média, e para conquistar um espaço em seu caderno de cultura que era algo almejado por muitos artistas.

A matéria intitulada “Black Rio – O Orgulho (importado) de ser Negro no Brasil” chamou atenção para os bailes que aconteciam nas periferias, comparando-os ao movimento Black Power nos Estados Unidos. Intencionalmente ou não, a jornalista acabou dando nome ao movimento, que passou a ser conhecido em todo o estado e posteriormente se espalhou pelo país.

Já nos anos 1980, a ideia que dominava o funk no Brasil era o Miami bass. Gênero similar ao eletro e que possui batidas comandadas pelo DJ, porém, com letras em inglês. Como podemos perceber, o funk em nosso país ainda era predominantemente estadunidense.

Fernando Luís Mattos da Matta, conhecido como DJ Marlboro, foi o principal responsável por fazer o gênero se tornar o que é hoje. Ele quem introduziu a bateria eletrônica no gênero musical, recurso esse que perdura até os dias atuais.

No final da década de 1980, o DJ lança seu primeiro disco, intitulado *Funk Brasil*. Dali em diante, a maioria das produções no país eram inteiramente nacionais, desde a batida até as letras. Foi a chamada fase de consolidação do funk.

Surgimento dos MC's



Quando as batalhas começam a tomar proporções maiores, criando rivalidades sérias e agravando as brigas entre as comunidades, começam também a surgir os MCs.

Inspirados não só por esse problema, mas também pelas dificuldades diárias da periferia, principalmente a violência, eles cantam letras pedindo paz e igualdade, com os ritmos mais melódicos que estouraram na década de 90. Um exemplo é a música *Barco da Paz*, da dupla Claudinho e Buchecha.

Furacão 2000



Dizem por aí que o funk nunca teria ganhado o Brasil inteiro se não fosse a Furacão 2000. Ela foi uma equipe de som, produtora e gravadora do Rio de Janeiro, que produzia coletâneas de funk na década de 90 e início dos anos 2000.

Sem dúvida, a equipe foi responsável por permitir que funk circulasse por todos os cantos, numa época em que internet era coisa para poucos.



KondZilla, brega funk e o futuro do estilo

Atualmente a Kondzilla Records é a maior produtora de funk no Brasil, responsável pelo sucesso e crescimento de dezenas de artistas. O Canal KondZilla já tem mais de 21 bilhões de visualizações (o equivalente a três vezes a população mundial).

Foi justamente a KondZilla que, no início de 2018, gravou a versão profissional da música *Envolvimento*, da cantora MC Loma. A MC, por sua vez, foi responsável por direcionar os olhares dos brasileiros para o brega funk, uma variação do estilo que nasceu em Recife, terra natal da cantora.

E não é só Pernambuco que está ganhando espaço na produção de funks: também em 2018 o hit *Parado no Bailão*, dos MCs L da Vinte e Gury, virou sucesso nacional e impulsionou a pegada do funk mineiro.



Como sempre, o funk no Brasil continua misturando novos ritmos e fazendo parcerias com diversos estilos, e cada vez mais sua produção têm saído do Rio de Janeiro e de São Paulo para se espalhar por todos os cantos.

O funk é um estilo relativamente novo, sim, e que cresceu de um jeito diferente. Sem espaço nas grandes rádios, o som da periferia se fortaleceu nas rádio-favelas e nos bailes. Hoje, a internet abriu portas e permitiu que o ritmo se espalhasse pelo mundo.

O preconceito

“O funk é um jeito amoral de mostrar a realidade, trazendo a ideia de criminalização e marginalização, além de uma visão corrompida da mulher na sexualidade. Antigamente as músicas continham letra e voz, mas hoje são vazias e têm o intuito apenas de ganhar dinheiro”, acredita Bartira Manfrim, professora de 55 anos que não aprova o ritmo.

A discriminação em relação ao movimento funk tem um longo histórico. A visão daqueles que o desaprovam quase sempre é acompanhada de um pré-julgamento do estilo, não somente com as letras, mas principalmente daqueles que cantam o ritmo. A música da periferia ainda luta pela conquista de seu espaço.

“Funkeiro que nunca sofreu preconceito não é funkeiro. A gente é discriminado, temos que provar 10 vezes mais que as outras pessoas que somos realmente bons.”

Wallace Santos Ramos, conhecido como MC Bola, já é cantor há vinte anos. Nascido em Santos, litoral de São Paulo, o músico conta que vivenciou muitas dificuldades no início da carreira, sofrendo grande preconceito por ser funkeiro e também negro. O MC também relata que para muitas pessoas o funk não é visto como trabalho, e já foi até chamado de vagabundo, principalmente pelo fato do funk estar frequentemente ligado ao crime e à prostituição. Wallace teve o primeiro “boom” de sua carreira em 2012, com a música *Ela é Top*, e atualmente faz sucesso com a música *Positividade*, que já alcançou mais de 40 milhões de visualizações no YouTube.

“Favelado tá conquistando seu espaço, porque favelado também pode, favelado também consegue.”



O funk na pandemia

Com a quarentena, medida de contenção do novo Coronavírus, as opções de lazer foram reduzidas. O tempo em casa se estendeu e a música se fez presente em muitos lares. Mas engana-se aquele que entende que a mesma só ocupou o cotidiano do brasileiro a partir deste momento: o apreço pela música já era uma realidade antes mesmo do "novo normal". O Spotify, plataforma de streaming, registrou 286 milhões de assinantes no primeiro trimestre de 2020, com crescimento de 31% em comparação ao ano anterior, de acordo com dados da própria plataforma.



Outro levantamento interno do Spotify também chamou a atenção. Desta vez, relacionado aos gêneros mais consumidos. Entre os favoritos, está o funk. Desde o ano de 2014, o ritmo musical cresce ao menos 51%.

Os funks brasileiros, inclusive, fazem sucesso não só no país, como também no exterior: entre os anos de 2016 e 2018, o consumo de playlists de funk brasileiro cresceu 4.694%. O ritmo está entre as 200 músicas mais ouvidas em 51 países, com maior número de ouvintes nos Estados Unidos, Portugal e Argentina.



Referências

[História da música](#)

[Como surgiu o funk](#)

[História da música 2](#)

[Funk no Brasil e polêmicas](#)

[Funk](#)

[Funk é um ritmo dos mais ouvidos](#)

[Movimento funk: do preconceito à representatividade](#)

Cinema

Como forma de registrar acontecimentos ou de narrar histórias, o cinema teve início em 1895, projetado pela primeira vez em um café em Paris, logo após foi entrando para as indústrias mundiais. Conforme o cinema foi alcançando sua popularidade, tiveram que criar espaços mais confortáveis e decorados para atrair seu público, o que levou a ascensão dos estúdios de Hollywood ao topo na história do cinema.



E no Brasil?

O cinema brasileiro teve sua primeira aparição no dia 8 de julho de 1896, essa sessão aconteceu no Rio de Janeiro, exibindo pequenos filmetes que traziam filmagens de cidades europeias. Esse foi o ponto de partida do cinema nacional e atualmente considera-se que o primeiro filme gravado no Brasil foi *Chegada do Trem em Petrópolis*, de 1897.

Outra filmagem muito importante foi *Uma Vista da Baía em Guanabara*, ela aconteceu em 19 de junho de 1898 e é por sua conta a data comemorativa do Dia do Cinema Brasileiro. Já o primeiro longa-metragem foi *O Crime dos Banhados*, em 1914.



O mercado nacional sofreu mudanças estruturais durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Com a diminuição da produção europeia as salas de exibição brasileiras passaram a ser dominadas pelos filmes de Hollywood, fator que também enfraqueceu o cinema produzido localmente.

A democratização



Cidade de Deus é considerado o filme latino americano mais importante nos últimos 20 anos. Central do Brasil ganhou o Leão de Ouro no Festival de Berlim, e foi levado ao Oscar, com a indicação de Fernanda Montenegro como a melhor atriz. Apesar de todo esse histórico, o cinema nacional ainda é taxado como ruim, impopular, tedioso. Mas porque isso acontece?

O cinema popular não tem incentivo para continuar produzindo de forma satisfatória. O Brasil possui obras notórias de grande importância e ainda desconhecidas e pouco valorizadas, pela maioria da população. Uma das razões pelas quais isso acontece é porque quando pensamos em cinema, vemos filmes feitos em grandes estúdios ao vivo. Situação que se torna mais perceptível quando chegamos ao cinema e a maioria dos filmes que vemos na tela são estrangeiros.

Também podemos ver a falta de incentivo do nosso governo. O cinema brasileiro, como qualquer outro mercado, precisa se sustentar para que possa ser produzido, promovido e transmitido. Esse é o papel que o governo deve desempenhar.

Vale frisar que o cinema nacional, movimentou a economia do país. Segundo dados da Ancine, o setor faturou R\$ 24 bilhões em 2014.

Devemos dar importância ao cinema brasileiro porque temos grandes filmes que criticam diversas situações do nosso país, filmes que estimulam a reflexão.

Bollywood

Dominando o cenário de maior indústria cinematográfica do mundo, os indianos produzem cerca de 1500 filmes por ano e tem um público fiel que lota as sessões para acompanhar cada lançamento. Por se tratar do segundo país mais populoso do mundo com mais de 1,3 bilhão de pessoas, o cinema feito a Índia tem uma média de espectadores de mais de meio milhão mensal. Eles também exportam seus filmes para países vizinhos e lugares como os Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha e para o mundo árabe que possuem uma grande comunidade hindu. O nome Bollywood surgiu por causa do nome da cidade que era Bombaim. O primeiro lançamento aconteceu em maio de 1913, um filme mudo chamado *Haja Harischandra*.

Nos anos 2000, que Bollywood atingiu o alcance global, foi quando a quantidade de filmes produzidos ultrapassou Hollywood e os norte-americanos não lideravam as bilheteiras e nem ocupavam muitas salas de cinema no país. Porque, o público local não demonstrava muito interesse por produções que não retravam sua realidade.

Hoje o cinema indiano conta com produções de qualidade e sua indústria é autossustentável, não dependendo dos subsídios do Governo. Com todo esse lucro os próximos anos têm tudo para premiar mais filmes bollywoodianos.

Maiores bilheteiras

- Avatar (2009);

- Vingadores: Ultimato (2019);

- Titanic (1997);

- Star Wars: O despertar da força (2015);

- Vingadores: Guerra Infinita (2018).

Referências

A desvalorização do cinema Bollywood

Maiores bilheteiras

Cinema Brasileiro

História do cinema

Arte na pandemia

O retorno dos livros como meio de entretenimento

Levando em consideração todos os elementos que envolvem a leitura e o próprio livro, observamos a tamanha importância deste meio para a humanidade, no qual desde a antiguidade (partindo da oralidade e a escrita) uma geração “conta” a outra os seus feitos. E quando falamos de “feitos”, aborda-se tudo aquilo que é proveniente das diversas áreas como educação, economia, sociedade, ciência, tecnologia, entre outras.

Sendo assim, não podemos deixar de lado o entretenimento. Uma das definições de entretenimento é “qualquer ação, evento ou atividade com o fim de entreter e suscitar o interesse de uma audiência”. Devido a pandemia, aquilo que era considerado como “escasso” (tempo) passou a ser abundante. As atividades do cotidiano foram interrompidas e agora a nova realidade se volta para o lar, e o companheiro escolhido para passar o tempo foi o livro. Segundo uma pesquisa, o mercado de livros nacional encerrou o primeiro semestre deste ano com venda de 28 milhões de exemplares, o que representa alta de 48,5% em relação aos 18,9 milhões vendidos no mesmo período de 2020.



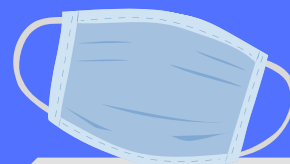
Segundo Marcos da Veiga Pereira, desde setembro de 2020, o aumento do consumo de livros vem demonstrando resultados positivos, fruto de ações promocionais, oferta de bons lançamentos e o estreitamento do relacionamento com os leitores nas redes sociais. O presidente do SNEL disse que durante muito tempo o varejo foi passivo. A pandemia fez com que o setor livreiro ficasse mais ativo, no sentido de procurar os leitores, de conhecer melhor os consumidores.

Tendo em vista estes aspectos apresentados, percebemos que na realidade a internet aliada com os veículos de comunicação foram determinantes e decisivos para propulsionar o consumo de livros, pois com os estabelecimentos fechados as pessoas tiveram que se reinventar. “As livrarias tradicionais, que já trabalhavam com vendas pela internet, tiveram um aumento muito bom, até dobraram o faturamento das vendas de livros pela internet”, falou Vitor Tavares, presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Temos que as diversas formas de entretenimento (cinema, videogames, música, peças teatrais, animes, etc.) estão ligadas em grande parte aos livros, ao passo que estes emprestam seus universos e suas tramas para outras diversas formas de arte, funcionando como alicerce ou fonte de inspiração, além de trazer a experiência de imersão na história. Segue alguns exemplos: *Assassin`s Creed*, *The Witcher*, *Metro 2033*, *Tom Clancy`s Rainbow Six* (jogos); *A Culpa é das Estrelas*, *Senhor dos Anéis*, *Crepúsculo*, *Paulo Apóstolo de Cristo* (filmes); *Romeu e Julieta*, *Édipo Rei*, *Vestido de Noiva* (peças teatrais); *Anne dos Cabelos Ruivos*, *Heide*, *Romeo x Juliet* (animes).

Logo, percebemos uma relação de trocas de favores, ou seja, tais formas de entretenimento conduziram seus espectadores à literatura. Há inúmeros exemplos de pessoas que começaram a assistir a série de filmes *Harry Potter* e que foram instigadas e levadas para a leitura e vice-versa. Muitas das peças de William Shakespeare apareceram na imprensa como uma série de quartos (formatos de livros pequenos), mas cerca da metade delas permaneceram inéditas até 1623, quando o póstumo *First Folio* tornou-se público. Desse modo, concluímos que o entretenimento pode proporcionar divertimento, satisfação pessoal e boa disposição; justamente aquilo que os livros podem proporcionar aos seus leitores.

Seguindo essa linha de raciocínio é possível que muitos dos mesmos sejam induzidos a outras vertentes literárias, fazendo com que os leitores, que começaram no entretenimento, agora “flutuam” no universo dos livros, desenvolvendo a cosmovisão; o senso crítico; a capacidade de interpretação; de argumentação; de exposição; propondo, também, desafio, descanso, felicidade; além de desenvolver a parte cultural. O entretenimento pode ir além da simples gratificação e ser um veículo de transmissão de elementos culturais na audiência, conferindo de maneira sábia as questões da vida.



Houve um notório crescimento da transição das telas do cinema para a TV com serviço de streamings, não há dúvida de que esta alternativa foi um bálsamo nesses longos meses de confinamento e que as diversas plataformas ofereceram uma grande quantidade de produções originais

Mesmo que o ato de ir ao cinema se torne cada vez mais raro, o fato é que eles tendem a sobreviver. Certamente em menor número, talvez subsidiados ou patrocinados, mas vivos. Porque a experiência coletiva que eles proporcionam - mesmo na mais humilde das salas - sempre irá superar qualquer home theater.

Essas mudanças, nesse tempo de pandemia, foram tão drásticas para a arte de exibição e criação de filmes e séries que fez com que, em 2021, o Oscar se adaptasse à situação inesperada. O evento marcou uma quebra de paradigma: antes os filmes elegíveis para a premiação tinham que ser exibidos por pelo menos sete semanas consecutivas em cinemas; os fechamentos das salas de projeção por conta da Covid-19 fizeram com que a Academia mudasse o formato de classificação para a competição. A Netflix atingiu a marca de 35 indicações e, segundo o crítico de cinema Marcelo Forlani, isso pode mudar a “regra do jogo” no futuro da premiação: a tendência é o streaming ganhar força.

Independente da maneira e o formato de exibição, o fator mais essencial nessa discussão é a continuação e o crescimento da valorização dos filmes.

O surgimento dos streamings

A indústria audiovisual é uma das áreas mais ricas de entretenimento com giro econômico e, apesar de existir há muito tempo, é constantemente aperfeiçoada pela tecnologia, cultura, tendência e atualidades que ocorrem no mundo. Nesse período pandêmico, embora tenha sido muito afetada em sua criação e programação de conteúdo, também gerou a aceleração de uma das mudanças desse setor: a forma de exibição e armazenamento.

A reinvenção do museu



Embora a pandemia da covid-19 tenha afetado todos os setores da economia, alguns ramos sofreram mais do que outros. Uma das seções mais impactadas pela atual crise de saúde pública foi a da arte, com foco especial para os museus.

O ato de ir ao museu sempre esteve relacionado com a experiência da pessoa ao se deparar com fatos marcantes: históricos, artísticos e fiéis à sua realidade, além do seu grande intuito de não permitir que o passado seja esquecido, como forma de aprendizado e reconhecimento de que todos esses acontecimentos fazem parte, de alguma forma, da realidade em que vivemos. O aperfeiçoamento dessas experiências nos museus, mostrou que as palavras “antiguidade” e “tecnologia” não são mais adversárias, mas sim, colaboradoras para uma transformação que valoriza e beneficia ambas as partes.

Devido a pandemia e o isolamento social, ir ao museu se tornou perigoso e, infelizmente, dito como não essencial. Porém sabendo dos grandes benefícios que a arte tem sobre a humanidade, ferramentas tecnológicas adentraram os museus e transportaram virtualmente as pessoas até lá.

Muito museus, hoje, possuem possibilidades interativas: o visitante tem ações diretas com o acervo, seja tocando ou participando das atividades propostas pelos profissionais envolvidos. Nestes casos, tem-se notado a adoção de dispositivos digitais e eletrônicos, contribuindo para experiências cada vez mais desconectadas de uma museologia tradicional pautada pelo objeto em si.

Atualmente, há muitas aplicações tecnológicas nos museus, como, por exemplo, o uso de realidade aumentada, realidade virtual, possibilidade de explorar as informações do museu recorrendo a aplicativos de dispositivos móveis. Sendo assim, ao compreender que as ferramentas tecnológicas modificaram a relação do museu com público, conseguimos ver que há uma parceria entre o passado e o futuro juntos - como o desenvolvimento da relação do homem com sua experiência histórica em uma visita ao museu, tal desenvolvimento está acelerando no meio pandêmico e trazendo uma forma diferente de ir ao museu.



Referências

[Venda de livros](#)

[A pandemia tornou o streaming rei](#)

[Entretenimento](#)

[Pandemia mudou a regra do jogo](#)

[Games, livros e cinema](#)

[Animes baseados em livros](#)

[Importância do livro](#)

[Pesquisa global](#)

[Os melhores filmes baseados em livros](#)

[Streaming](#)

[Peças de teatro que viraram livros](#)

[Os museus](#)

[Harry Potter](#)

[Novas formas de expor](#)

[Peças de Shakespeare](#)

[A reinvenção dos museus](#)

[Importância da leitura](#)

[Jogos inspirados em livros](#)

[Serviço de streaming](#)

[Livro é cultura ou entretenimento](#)

Arte como remédio

Se você já pintou, desenhou, dançou ou fez qualquer outra atividade ligada ao meio criativo, com certeza se sentiu melhor após realizá-la. Isso foi observado por especialistas que concluíram que essas tarefas podem realmente ajudar as pessoas.

Cientistas começaram a estudar o impacto da arte no cérebro - chamado de neuroarte - e foi descoberto que ela traz contribuições importantes para o córtex cerebral, podendo aumentar suas funções. Além disso, os neurocientistas afirmam que a expressão artística atua no nosso sistema límbico, provocando as emoções.

Ademais, a arte aumenta os níveis de serotonina, o hormônio do bem estar. Um experimento da University College London, conduzido pelo professor Semir Zeki mostra que pinturas abstratas e paisagens aumentam o fluxo sanguíneo cerebral em regiões que causam prazer. O professor compara a admiração por uma obra com a mesma sensação ao olhar para uma pessoa amada.

Existe um tipo de terapia que se mistura com a arte: a arteterapia. Segundo a União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT), a expressão artística seria usada como forma de comunicação, ou seja, ao invés de conversar com o psicólogo, você se comunicaria através da arte. A ideia é a arteterapia ser complementar a um tratamento recomendado pelo médico. O primeiro psiquiatra a utilizar a arteterapia foi Carl Gustav Jung.



Já no Museu de Belas Artes de Montreal (MMFA), no Canadá, você pode usar sua receita médica como ingresso. O objetivo é complementar o tratamento tradicional de pacientes com condições como anorexia, arritmia cardíaca, epilepsia, problemas de saúde mental e Alzheimer.

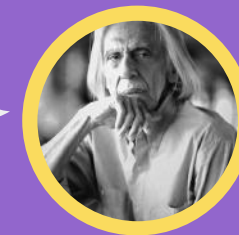
Portanto, vale lembrar que a arte é extremamente importante e em período de pandemia, ela pode ser uma ferramenta de entretenimento ou terapia.



Benefícios da arte

- Ajuda a expressar pensamentos e emoções;
- Diminui o estresse e a ansiedade;
- Ajuda no relaxamento;
- Ajuda a se conectar com si mesmo em um nível profundo;
- Auxilia na formação de novas conexões com as pessoas.
- Ajuda a encontrar significado em experiências de vida;

"A arte existe porque a vida não basta" -
Ferreira Gullar.



E no Brasil?

Contrária a tratamentos agressivos como lobotomia e eletrochoque, Nise da Silveira, foi pioneira ao introduzir artes como pintura e modelagem na área de terapia ocupacional do Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, em 1940.

Atualmente, no Museu de Imagens do Inconsciente – centro de estudo fundado por Nise em 1952 - estão expostos os trabalhos dos pacientes.

Hoje, o Brasil tem ações pontuais que levam a arte à saúde pública. Na cidade de São Paulo, por exemplo, há parcerias entre alguns Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) da Prefeitura e a Pinacoteca, que acolhem e estimulam a reintegração social de pessoas com transtornos mentais.

Os pacientes do CAPS fazem excursões periódicas ao museu, na Pinacoteca, os pacientes observam e debatem sobre as obras, fazendo paralelos com suas realidades. A analista de educação responsável pelo Programa Educativo para Públicos Especiais diz que as atividades com retratos e paisagens, por exemplo, fazem os pacientes refletir sobre si mesmos e seus entornos.

Como comprovado pelo Reino Unido: um investimento em arte evita gastos extras com saúde.

Referências

A importância da arte no desenvolvimento cerebral

Quando um museu pode ajudar na cura de doenças

A arte pode funcionar como um remédio para tratar doenças



Conclusão

Arte engloba todas as criações feitas pelo ser humano para expressar uma visão sensível sobre o mundo, seja real ou imaginário.

Então, a diversidade da arte desde os primórdios utiliza diferentes recursos, sendo plásticos, sonoros ou linguísticos, para evidenciar ideias, emoções, percepções e sensações.

Portanto, é uma linguagem representada nesse trabalho por meio da literatura, da música e do cinema, sendo abordado no cenário pandêmico em que vivemos atualmente a arte ganhou novas formas de se expressar e despertar no ser humano lembranças e emoções que ficam marcados na sua história.

Trabalho realizado por: **Fernanda dos Santos** (791879),
Giulia Teixeira (801930), **Laura Pavezzi** (802473),
Mateus de Oliveira (801946), **Rafael Marques** (764346) e
Yara de Vecchio (741031).